

Companhia de Jesus no século XVI: suas influências nos territórios Português, Indiano e Brasileiro

Célio Juvenal Costa (Professor Doutor - UEM)
Cíntia Mara Bogo Bortolossi (Mestranda - UEM)
Felipe Augusto Fernandes Borges (Mestrando - UEM)
Natália Cristina de Oliveira (Mestranda - UEM)

Introdução

No ano de 1534, Inácio de Loyola, aluno da Universidade de Paris, juntamente com outros companheiros movidos pelos mesmos ideais, fizeram votos de pobreza e dedicaram-se unicamente à Igreja Católica. Pedro Fabro e Francisco Xavier foram os primeiros a acompanhá-lo, sendo então, conhecidos como os pilares da Companhia. Além deles, fizeram parte como integrantes do movimento: Simão Rodrigues de Azevedo (único português entre eles), Inácio Diogo Laines, Afonso Salmeirão, o espanhol Nicolau Afonso, Cláudio Jaio, Paschásio Broet e João Codure.

Em 1540 o Papa Paulo III, por meio da Bula *Regimini Militantis Ecclesiae*, aprova a constituição da Ordem, e autoriza o funcionamento da denominada *Societas Iesu* (Sociedade de Jesus) ou Companhia de Jesus. Com os dez integrantes citados, emerge o movimento religioso que tinha por objetivo maior propagar a fé cristã. Inácio de Loyola assume a condução dessa ordem, fazendo, juntamente com seus companheiros, votos religiosos de pobreza, caridade e obediência. Considerando, assim, não ter outro chefe, senão Jesus Cristo, ao qual unicamente queriam servir.

Ao perceber a dificuldade da conversão dos adultos, os jesuítas passam a dedicar-se também à educação das crianças e, ao fazer isso, acabam por se expandir pelos os impérios português e espanhol. Francisco Xavier perpassa a Índia, a Indonésia e o Japão. Manoel da Nóbrega e José de Anchieta fundam as primeiras cidades brasileiras. Embora a educação não fosse o objetivo inicial, a docência passa então a ser característica das atividades da Companhia. A Ordem tinha, por objetivo primeiro, realizar uma moderna cruzada com intenção de converter os judeus e devolver à Jerusalém os domínios do cristianismo.

Inicialmente, os colégios jesuítas atendiam alunos somente com fins religiosos, para que os discentes viessem a fazer parte da Companhia. Porém, posteriormente, passa também a aceitar alunos que não tivessem por meta seguir a *Societas Iesu*, até mesmo os filhos dos súditos. Estes centros pedagógicos tinham como lei orgânica, uma publicação de 1599, o *Ratio Studiorum*. Nesse sentido, apresentamos neste trabalho uma breve explanação sobre a importância e as principais ações da Companhia de Jesus em Portugal, na Índia e no Brasil, e o contato de D. João III com a Companhia.

A Companhia de Jesus: Portugal

Após abordar descrição das características que moveriam os jesuítas, vemos, em Rodrigues (1931a), que a Companhia de Jesus chega ao reino lusitano por volta de 1540 – mesmo ano da sua oficialização. Chegam a Lisboa Simão Rodrigues e Francisco Xavier. Portugal, na primeira metade do século XVI, encontrava-se desenvolvido em suas conquistas marítimas e adiantado em diversos setores, sendo assim, um período de muito progresso para o território português, elevando-o como uma potência europeia.

Dom João III (1521-1557), o monarca futuro benfeitor da Companhia, presenciava todas essas mudanças e, além de propiciar a vinda dos padres jesuítas para o reino, apoiou as atividades daquele que viria a ser a ordem religiosa mais importante, “[...]deste modo, D. João III foi o primeiro Rei da Europa a chamar os Jesuítas e a abrir-lhes as portas sobre regiões imensas, em todos os pontos do globo” (LOPES, 1992, p.68).

O período joanino via como importante atrelar a expansão comercial com o avanço do cristianismo em terras portuguesas, sendo que os ideais jesuíticos correspondiam às expectativas da corte. No dado momento em que os religiosos encontram complexidades como a língua e diversas culturas, encontram a educação como via adequada para aproximação com os portugueses. Em território português, a ordem se esforça para se tornar necessária aos seus e desde o início tem como princípios difundir a instrução, a moral, os costumes cristãos e, além disso, levar aos

países além-mar, os prestígios portugueses com a ação dos missionários. O Rei D. João III era um defensor de sua pátria, comenta Rodrigues (1931a), que considerava importante o progresso das letras, adiantando Portugal nas ciências, literatura e educação.

Dessa forma, a Companhia de Jesus cria um vínculo com a sociedade portuguesa, bem como com o reinado joanino. Os religiosos passam a criar seus colégios (inicialmente casas ou residências), e dar vida ao objetivo maior que os moveu até a Coroa: vigorar os princípios da espiritualidade. Rosa (1954), relata que na concepção de Loyola, Portugal possuía, até então, os colégios que mais ficavam a desejar quanto ao equilíbrio na vida espiritual, a disciplina da obediência, alma e vigor presentes na nova Companhia.

Costa (2004) mostra que nos anos da Companhia de Jesus em Portugal, são três as atividades principais que esta exerce: educação da juventude, missões no *além-mar* e confissão dos soberanos. Tais funções não foram previamente determinadas nem pelos jesuítas de Portugal, nem pelos de Roma, mas sim acrescidas com o tempo, compondo sistematicamente as características próprias da ordem religiosa. O autor afirma, ainda, que não há dúvidas de que a consolidação da Companhia em Portugal deva ser creditada, à boa relação dos padres com o Rei D. João III.

A relação da Companhia com os portugueses continuou boa mesmo após morte de D. João III. A rainha-regente D. Catarina teria feito, por meio de cartas, elogios e recomendações à expansão daquela ordem, na qual favoreciam aos jesuítas as mesmas regalias do período joanino. Vale ressaltar ainda que, em Portugal, foi acentuado tanto o número de jesuítas, quanto de colégios, universidades e seminários. Com base nesses intuitos, a Companhia tomou proporções muito maiores e levaram a bandeira católica aos mais diversos territórios.

Dom João III de Portugal e sua contribuição para a expansão da Companhia de Jesus

Podemos afirmar que a consolidação da ordem inaciana teve como benfeitor o monarca D. João III, do qual muito contribuiu para a história da Província portuguesa como também para a Companhia como um todo. D. João III, chamado o *Piedoso* devido a sua devoção religiosa, nasceu em 6 de junho de 1502 na capital de Lisboa, sendo o décimo quinto rei de Portugal. Segundo Dias (1999) o monarca teria sido jurado herdeiro nas cortes de Lisboa de 1502, com apenas dois meses de idade¹, sendo aclamado rei a 19 de dezembro de 1521.

O governo de D. João III foi caracterizado por contrastes, sendo analisados como dois momentos distintos. Um primeiro onde o monarca mantinha uma postura de abertura às ideias humanistas e ao ideário do renascimento português, chegando a trocar cartas com Erasmo de Roterdã. Em um segundo momento, Dom João III passou a ser influenciado pela Igreja na política e nas instituições de ensino, onde as ideias da chamada Contra-Reforma fazem-se cada vez mais presentes. Neste segundo momento D. João III passa a dedicar sua vida à oração e sua religiosidade passa a interferir nas atitudes governativas.

Desta forma, embora haja divergências de opiniões sobre a postura de governo de Dom João III, acreditamos que suas decisões tiveram importância decisiva para a História do Império Português do século XVI, como também para o Brasil colonial. Como ressalta Rodrigues (1931), “com merecimento o monarca é chamado de o pai da Companhia de Jesus.” Inácio de Loyola chega e declarar que a ordem existe mais por conta do monarca do que por ele em si. D. João III, além de ajudar a Companhia, mostrava e divulgava a todos sobre ela e sobre seu amor e admiração. Assim, recomendava a Companhia a pessoas importantes e com autoridade para que elas também a favorecessem.

Independente disso, é certo que foi devido em grande parte à iniciativa de D. João III, que a Companhia estabelece-se em Portugal desde 1540, com a vinda dos padres Simão Rodrigues de Azevedo e Francisco Xavier, a fim de iniciarem a missão na Índia. Segundo Pimenta (1936), Francisco Xavier por recomendação de Inácio de Loiola parte para a Índia e Simão Rodrigues fica em Lisboa, com a missão de fundar por ordem do Rei um colégio para a Companhia, tendo como função a evangelização dos infiéis, na Índia, e a educação e ensino da juventude, no reino.

Conforme Dias (1999), percebemos que devido ao que foi descrito acima, D. João III interessou-se junto a Cúria papal pela aprovação dos estatutos da Companhia, doando, em 1542, o mosteiro de Santo Antão, sendo a primeira casa própria dos jesuítas em todo o mundo. Foi também em Portugal que Inácio de Loyola constituiu a primeira província da Companhia em 1546, nomeando como primeiro provincial o Padre Simão Rodrigues.

Percebe-se que Inácio de Loyola era muito agradecido pela dedicação do monarca e, por isso, buscava tornar conhecidos os favores de D. João III a fim de despertar em todos os integrantes da Companhia um desejo de retribuição a quem foi o grande benfeitor da Companhia. No ano de 1553, enviou a todos os superiores de sua ordem uma carta circular contendo um admirável testemunho do agradecimento para com o monarca.

Olhando à grande obrigação que tôda a nossa Companhia tem, entre todos os príncipes cristãos, ao sereníssimo rei de Portugal, com cujo favor e tão liberal protecção se começou a fundar e se derramou em tantas partes a nossa Companhia, com abundante fruto do divino serviço e espiritual proveito das almas. (*Apud* RODRIGUES, 1931, p. 592)

Os integrantes da Companhia de Jesus buscavam sempre agradecer a figura de quem foi o grande colaborador para o crescimento daquela ordem. Mesmo após a morte do rei, a gratidão que os religiosos tinham por ele continuava sendo demonstrada sem cessar. Importante ressaltar que os agradecimentos da Companhia estendiam-se aos demais membros da família real, tais como a rainha D. Catarina² (1507–1578) e os infantes D. Henrique (1512–1580) e D. Luís, dos quais após os primeiros conhecimentos sobre a ordem, começaram a olhá-la de forma carinhosa.

Pode-se considerar, portanto, que a Companhia fora apoiada e desenvolveu-se com eficácia graças ao empenho do rei de Portugal D. João III. O monarca subsidiava os colégios da Companhia, entretanto, segundo Rodrigues (1931), as rendas principais que mantinham os colégios da Companhia eram as provenientes de bens eclesiásticos, pois desde 1546 foram anexando-se a cada colégio antigos mosteiros e igrejas, cujos rendimentos colhiam os religiosos. Segundo Dias (1960), D. João III soube mostrar uma vontade coerente a favor da religião na doutrina e nos costumes do clero português. O monarca, ao procurar, em 1541, fixar os

jesuítas na capital alentejana, sentia a contribuição que suas atividades poderiam dar para a recristianização daquela vasta província.

Percebe-se que D. João III muito confiava nos padres e irmãos jesuítas que se encontravam em Portugal. Preocupava-se com que os mesmos encontrassem um local apropriado a fim de se fundar um Colégio, sendo que em 1541, segundo Rodrigues (1931), foram lançadas as primeiras pedras do que seria o Colégio de Coimbra. O monarca sabia da importância da edificação desse colégio para as terras lusitanas.

Lembramos que, quando do nascimento da Companhia de Jesus em 1534, já existiam outras ordens consolidadas, tais como os franciscanos, dominicanos e beneditinos. Torna-se importante questionarmos, então, o porquê desta aceitação intensa de D. João III com os padres da Companhia de Jesus. De acordo com Dias, as razões seriam sua espiritualidade em frente aos desafios postos pela modernidade, características estas que eram apreciadas pelo Rei. Em princípios do século XVII, portanto, a Companhia de Jesus já se encontrava espalhada por todo o mundo e D. João III seria o monarca que mais lhe favoreceu e lhe serviu contribuindo de forma decisiva na expansão da ordem em Portugal como em todo o mundo.

A Companhia de Jesus: Índia

Tendo chegado em Portugal em 1540 o padre Francisco Xavier, ainda que instado ao contrário pelos membros da corte portuguesa, decide partir do país rumo às missões do Oriente português, mais especificamente à Índia. Foi em 1542 que Xavier desembarcou em Goa, marcando, assim, na História, a chegada do primeiro representante da Companhia de Jesus às terras indianas.

Xavier e os demais jesuítas que seguiram após ele para o Oriente trabalhariam como todos os que doravante fossem enviados às missões portuguesas, ou seja, sob a égide do Padroado luso. Porém, deve-se ressaltar que o fator jesuítico traria um diferencial a estas formas de missão, tanto na Índia como nas demais missões que seriam assumidas em sequência.

Os jesuítas estarem sempre organizados socialmente reforça o caráter reformado e reformador da ordem, que fazia-se presente em todos os momentos que pudessem representar alguma “acrescentamento à Santa Fé Católica”. Podemos perceber aí a natureza da Companhia, adquirida em meio às discussões da Reforma Católica representada em grande força pelo Concílio de Trento (1545 – 1563). A esse respeito lemos que

O papel modelador que a Igreja Católica adquiriu na época Moderna vai ser transplantado para os novos espaços geográficos ultramarinos. O religioso envolvia e regia todos os momentos solenes do indivíduo, desde o nascimento até a morte, passando pelo batismo, pelo casamento e outras manifestações sociais. Aliás, os mecanismos que a Igreja pós-tridentina encontrou para homogeneizar o comportamento do cristão europeu vão ser, *mutatis mutandis*, também utilizados na Índia: a catequese, as procissões, os sermões, as festas, a assistência e a proteção. (MANSO, 2009, p. 124).

Quando se discorre sobre as missões jesuíticas (no Oriente ou mesmo no Brasil), o leitor desavisado incorre a uma tendência de se considerar que as ordens anteriores à Companhia bem como todo seu trabalho foi descartado e/ou substituído pelos trabalhos jesuíticos. Entretanto, quando há uma leitura mais acurada percebemos que, de fato, isso não aconteceu.

No momento da chegada de Xavier na Índia já havia pelo menos 43 anos que os portugueses lá estavam. Já em 1499/1500 quando as naus de Vasco da Gama “dobram” o Cabo da Boa Esperança e ancoram no Oriente, iniciam-se os trabalhos de catequese e conversão. Portanto, resta afirmar que o solo pisado pelos jesuítas não era de todo estéril, mas já havia sido trabalhado antes de sua chegada.

Pode-se afirmar que foi com a chegada dos jesuítas que a Igreja Católica e o Padroado Português obtiveram reais resultados no trabalho missionário das Índias. Como já afirmado, não houve substituição ou expulsão das ordens que anteriormente estavam trabalhando nesses espaços (franciscanos, carmelitas, dominicanos...), mas uma certa primazia foi sendo paulatinamente instaurada sobre a Companhia de Jesus. Assim,

Os mecanismos traçados para as missões da Índia, a partir de 1542, davam sequência ao que as outras Ordens já tinham definido como política missionária. [...] No entanto, tinham-se criado estruturas que vão ser aproveitadas e desenvolvidas pelos inicianos, nomeadamente na questão assistencial [...]. Embora a coroa portuguesa se tivesse empenhado desde sempre nesta matéria, nesta altura tudo passou a ser feito de forma mais planificada. Foram criadas condições políticas e económicas que

permitiram ao missionário actuar de forma mais eficaz. D. João III tomou medidas que aceleraram toda a obra missionária na Índia [...]. (MANSO, 2009, p.133-134)

Assim sendo, compreendemos que a presença jesuítica na Índia ou mesmo no Oriente, quando considerado seu território mais amplo, proporcionou um relevante diferencial nas missões até então realizadas. Não obstante, acreditamos que tais condições foram em grande parte corroboradas pelos incentivos e proteção oferecidos pela Coroa a esta ordem, de forma bem específica. De qualquer forma, a presença inaciana modificou tanto os espaços religiosos quanto os seculares, à medida que estes padres relacionavam-se ou mesmo interagiam em todos os espaços possíveis. Foi com o trabalho jesuítico que a Igreja do oriente assistiu ao seu efetivo crescimento, inicialmente sob Xavier e posteriormente sob todo o “corpo missionário” (SEULE, 2011) criado para expansão do Cristianismo na Índia. Muito semelhantes foram os fatos que sucederam a chegada dos jesuítas no Brasil.

A Companhia de Jesus: Brasil

Se na Índia os jesuítas chegam em 1542, por meio do padre Francisco Xavier, no Brasil o mesmo vai ocorrer em 1549 quando jesuítas chefiados pelo padre Manuel da Nóbrega desembarca junto ao primeiro governador-geral da Colônia, Tomé de Souza.

Muitas características encontradas por Xavier no Oriente podem ser percebidas quando da descrição das missões realizadas na colônia brasileira. Entretanto, havemos de ressaltar também algumas diferenças. Notadamente, os jesuítas que aqui vieram não encontraram religiões hierárquica e intelectualmente organizadas como as que Xavier encontra no Oriente (Budismo e Hinduísmo, por exemplo). Encontraram sim formas de culto indígenas que, porém, não se comparavam às formas organizacionais das milenares religiões orientais.

Nesse sentido, a grande dificuldade encontrada pelos jesuítas quando de sua chegada para as missões no Brasil foi a resistência do clero que aqui já havia estabelecido – principalmente no que se refere ao clero secular – bem como dos colonos portugueses que muitas vezes em muito se opunham à obra dos jesuítas.

Discorrendo sobre as características da missão brasileira encontradas nas cartas jesuíticas provenientes da colônia, destacamos que:

Assim como nas cartas de Xavier, não é difícil encontrar críticas ao comportamento dos portugueses, pois a impressão que passa das cartas dos jesuítas no Brasil é que eles também consideravam que havia uma contradição entre a empresa colonial e a empresa religiosa. E essa apreensão não demorou a acontecer. (COSTA, 2004, p. 60)

Pelas cartas vemos que Nóbrega, em dado momento, culpabiliza a própria corte que, segundo ele, enviava apenas a escória portuguesa para as terras brasileiras. Nesse momento, Nóbrega está se referindo tanto aos colonos quanto ao clero enviado ao Brasil.

Como meio de “superar” as dificuldades e atrasos da missão no Brasil os jesuítas vão, a partir de sua chegada, investir seu tempo e esforço para busca da conversão: tanto dos indígenas, quanto posteriormente dos escravos negros e, ainda, empreendem esforços para com os portugueses, a fim de promover novamente uma efetiva prática do catolicismo entre estes. Um fator relevante para o presente trabalho é o valor que os jesuítas atribuíam à catequese das crianças indígenas. Segundo Costa “Como pode-se ver em Xavier, aqui no Brasil os jesuítas também perceberam que a educação das crianças se tornava um caminho muito frutífero para desenvolver as missões” (2004, p. 65).

Além do esforço pela conversão dos índios, no que se refere principalmente aos chamados curumins (as crianças), é visto também o fato de que os jesuítas procuraram, assim que foi possível, evangelizar e aculturar os negros trazidos como escravos ao Brasil. Na empresa colonial brasileira, com o passar do tempo, entendemos que,

Como a tentativa de escravizar os índios não obteve êxito, passou-se para a escravização do negro, que já havia sido escravizado nas colônias portuguesas no continente africano. Da mesma forma que o índio, o negro precisava ser inserido no contexto da cultura portuguesa, ou seja, era preciso converter os gentios ao serviço divino e da coroa portuguesa. (OLIVEIRA, 2012, p. 77)

A conversão do escravo africano era também de fundamental importância para que este pudesse integralizar-se não somente na obediência a Deus e à Igreja, mas também na obediência aos seus senhores, à organização portuguesa e, conseqüentemente, ao Rei.

Assim como no Oriente temos como destaque a figura de Francisco Xavier, no Brasil havemos de destacar, por ordem de chegada à Colônia, os três principais jesuítas que aqui estiveram: Padre Manuel da Nóbrega (1517-1570), Padre José de Anchieta (1534-1597) e, ainda, o Padre Antônio Vieira (1608-1697). Ainda que em momento diferente de Nóbrega e Anchieta, Vieira ganhou destaque na história da Companhia no Brasil, devendo ser citado quando se tratam os aspectos gerais da mesma na Colônia.

É evidente que houve muito mais ações e formas de ser da Companhia nos embates e conjunturas do Brasil Colonial, porém, em aspectos gerais podemos afirmar que, assim como na Índia, os jesuítas ao chegarem no Brasil assumem o papel de ordem principal, assumem o estado de crescimento a que se assistiu no cristianismo dos trópicos. Nas palavras de Boxer (2002, p.81), podemos generalizar que

[...] foi a Companhia de Jesus, em seu papel de ponta-de-lança da Igreja militante, que tornou a luta pelas almas tão intensa e ampliada quanto a competição pelas especiarias. Os filhos de Loiola estabeleceram e mantiveram padrões muito mais elevados do que seus predecessores, e o notável desenvolvimento das missões portuguesas entre 1550 e 1570 deveu-se sobretudo à obra deles [...]. (BOXER, 2002, p. 81)

Primeiramente em Portugal, em seguida na Índia e depois no Brasil, o fato a ser considerado consiste que com a Companhia de Jesus o Padroado Português vai chegar mais próximo de alcançar seus objetivos iniciais de evangelização do gentio e “acrescentamento das almas”.

Considerações Finais

A Companhia de Jesus no século XVI nasce com o objetivo religioso de se propagar a fé cristã. Entretanto, para tal desafio era preciso uma formação adequada, tanto que todos os membros da Companhia de Jesus frequentaram a Universidade, passando a abrir residências junto às mesmas, onde se formavam membros para integrar aquela Ordem Religiosa. Posteriormente essas residências se transformaram em Colégios, devido à abertura para estudantes não religiosos.

Dessa forma, podemos afirmar que além das missões, a educação foi outra atividade característica da Companhia de Jesus. Em Portugal, portanto, as

principais atividades atribuídas aos padres jesuítas, eram a educação da juventude, missões além-mar e confissão dos soberanos. Como confessores do Rei, acabavam por influenciar nas decisões políticas dos mesmos. Tanto é que a consolidação da Companhia de Jesus em Portugal está diretamente ligada a sua relação com D. João III, aclamado o benfeitor da Companhia de Jesus.

Podemos afirmar, portanto, que a expansão da ordem inaciana teve como benfeitor o monarca D. João III, do qual muito contribuiu para a história da Província portuguesa como também para a Companhia como um todo. Percebe-se que D. João III muito confiava nos padres e irmãos jesuítas que se encontravam em Portugal. Mesmo já existindo outras ordens, é somente com a Companhia de Jesus que se dá este crescimento.

Apesar de se ter como base na atividade missionária o religioso, tanto na Índia como no Brasil o que se percebe é que se vai muito além. Na Índia, por exemplo, ao contrário das demais ordens, que concentravam suas atividades de forma quase exclusiva à catequese e ao batismo, a Companhia de Jesus com sua preparação, não se limita e ultrapassa o religioso, participando de quase todos os momentos do cotidiano oriental. Mesmo sendo um território já trabalho antes de sua chegada, é somente com os padres jesuítas que a Igreja Católica e o Padroado Português alcançam resultados nos trabalhos missionários.

No Brasil, por sua vez, ao encontrarem formas de cultos indígenas os jesuítas vão intensificar seu trabalho na busca da conversão, tanto dos indígenas, quanto posteriormente dos escravos negros. Assim, o cotidiano das missões jesuíticas no Brasil muito se assemelhou às praticadas no Oriente, incluindo catequização dos índios, confissão dos portugueses, realização das missas, enfim, utilizando todos os meios para a propagação da religião cristã entre os habitantes da terra.

Notas

¹ Segundo determinação feita em testamento por D. Manuel, D. João somente poderia assumir quando completasse 20 anos. (DIAS, 1999, p.724)

² Catarina de Áustria foi arquiduquesa da Áustria, princesa da Espanha e rainha de Portugal. Casou-se em 1525 com D. João III de Portugal.

Referências

ALVES DIAS, João José (coord). **Portugal. Do Renascimento a crise dinástica**. Lisboa: Presença, 1999. (Nova História de Portugal)

BOXER, C. R. **O Império Marítimo Português (1415-1825)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DIAS, José Sebastião da Silva. **A política cultural da época de D. João III**. Volume primeiro. Coimbra: Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Filosóficos, 1969.

_____. **Corrente de sentimento religioso em Portugal (Séculos XVI a XVIII)**. Tomo I, Coimbra: Universidade de Coimbra, 1960.

COSTA, Célio Juvenal. **A racionalidade jesuítica em tempos de arredondamento do mundo: o Império Português (1540-1599)**. Tese de doutoramento. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 2004.

LOPES, Antonio. D. João III e Inácio de Loiola. IN: **Revista Brotéria**. 134. 1992.

MANSO, Maria de Deus Beites. **A Companhia de Jesus na Índia (1542-1622): Actividades Religiosas, Poderes e Contactos Culturais**. Évora: Universidade de Évora; Macau: Universidade de Macau, 2009.

OLIVEIRA, Amanda M. B. de. **Educação e religião no Brasil do século XVII: Padre Antonio Vieira e a Escravidão**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá: 2012.

PIMENTA, Alfredo. **D. João III**. Porto: Livraria Tavares, 1936.

RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal**. Tomo I, volume 1. Porto: Apostolado da Imprensa, 1931a.

_____. **História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal**. Porto: Apostolado da Imprensa, 1931-1950. Volume II, Tomo I.

ROSA, Henrique S.J. **Os jesuítas: de sua origem aos nossos dias**. Vozes. São Paulo, 1954.

SEULE, Karla K. de Souza. Francisco Xavier e o "Corpo Missionário" destinado a Índia. IN: **Anais do V Congresso Internacional de História (UEM)**. 2011, p. 2264-2273. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/321.pdf>. Acesso em jan. 2012.